

Metáforas da Perplexidade: miscigenação e parasitismo no contexto da recepção da Sociologia no Brasil

Ivan Fontes Barbosa¹
Vilma Soares de Lima Barbosa²

Metaphors of perplexity: miscegenation and parasitism in the context of the receipt of sociology in Brazil

116



Resumo

O objetivo deste trabalho orbitou em torno do resgate de algumas dimensões da recepção da sociologia no Brasil, a partir do embate travado entre Silvio Romero e Manoel Bomfim no transcurso da transição dos séculos XIX/XX acerca da interpretação sociológica e histórica da América Latina. A primeira remete a incorporação das coordenadas provenientes das ciências naturais ao repertório das explicações sociológicas perfiladas por estes autores. A segunda flerta com as diferentes conclusões que eles auferem acerca do descompasso do desenvolvimento da sociedade brasileira frente ao mundo ocidental. Enquanto Silvio Romero advogava parcialmente a validade das teorias raciais como modelo para pensar a sociedade brasileira a partir da *mestiçagem*, Manoel Bomfim insurgia apontando o caráter ideológico destas perspectivas através da ideia de *parasitismo*.

Palavras-chave: Sociologia, Silvio Romero, Manoel Bomfim, Miscigenação, Parasitismo.

Abstract

The objective of this work is to rescue some dimensions of receipt of sociology in Brazil, from the clash caught between Silvio Romero and Manoel Bomfim in the course of the transition from the nineteenth/twentieth about the sociological and historical interpretation of Latin America. The first refers to the incorporation of the coordinates from the natural sciences to the repertoire of sociological explanations profiled by these authors. The second flirts with different conclusions they earn about the mismatch of the development of Brazilian society front to the Western world. While Silvio Romero partially advocated the validity of racial theories as a model to think the Brazilian society from the miscegenation, Manoel Bomfim rebelled pointing the ideological character of these perspectives through parasitism idea.

Keywords: Sociology, parasitism, miscegenation.

1 Professor Adjunto do Departamento de Ciências Sociais da UFPB. Cedido para o DCS/UFS. E-mail: ifb@bol.com.br

2 Professora Adjunta III da Universidade Federal de Sergipe, no departamento de Ciências Sociais. E-mail: vilma.slb@hotmail.com

Raça e Organismo: horizontes intelectuais da sociologia no último quartel do século XIX

O ocidente experimentou no século XIX mudanças substanciais. Os avanços da modernidade excitaram os ânimos daqueles que percebiam a ciência como portadora da verdade e como instrumento para o ordenamento das relações sociais e promoção da inserção da humanidade nas veredas do progresso. Essas condições epistêmicas de verdade, aparentemente claras às ciências naturais, quando traduzidas para as ciências sociais, em boa medida, implicavam uma série de distorções que orbitavam em torno de filosofias sociais e ideologias à mercê dos interesses dos grupos que dinamizavam o processo de ocidentalização do mundo e das relações capitalistas. Leis sociais, evolução, objetividade, filogênese, ontogênese, organismo social, raça, clima, meio etc. faziam parte do jargão científico que estava sendo adotado nos países ocidentais e que ecoavam no Brasil.

A sociologia recepcionada no Brasil era positivista e evolucionista e segundo Oracy Nogueira³ e Roberto Da Matta⁴, atendia o anseio de apaziguamento dos ânimos no que toca o entendimento do que éramos e o que estava reservado para nós no transcurso histórico. Consoante Lilia Schwarcz, a sociologia que chega ao país no final do século XIX não é tanto uma ciência do tipo experimental. Para esta historiadora o que aqui se consome são modelos evolucionistas e social-darwinistas originalmente popularizados enquanto justificativas teóricas de práticas imperialistas de dominação⁵.

A respeito deste momento, as informações de Laurent Mucchielli, sobre o nascimento da sociologia na França atestam que nas décadas que precederam o nascimento da sociologia universitária, o estudo científico das condutas humanas era tarefa das ciências biomédicas – antropologia, psiquiatria, psicofisiologia⁶. Elas funcionavam no quadro de um paradigma naturalista, explicando os comportamentos sociais pela natureza biopsicológica dos indivíduos e de seus grupos. As noções de raça, hereditariedade, constituição cerebral, são centrais nestas abordagens. Em conformidade com Daniela Barberis, o organicismo e o evolucionismo contribuíram para a aceitação de características fundamentais em torno do objeto desta ciência. O con-

3 NOGUEIRA, Oracy. *A sociologia no Brasil*. In: FERRI, G. M. e motoyama, S. (org.). *História das Ciências no Brasil*. São Paulo: EDUSP/EPU-CNPq, 1978. Vol. 3.

4 DA MATTA, Roberto. *Digressão: a fábula das três raças, ou o problema do racismo a brasileira*. In: *Relativizando: Uma Introdução à Antropologia Social*. Petrópolis: Vozes, 1981.

5 SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das Raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870 - 1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

6 MUCCHIELLI, Laurent. *O nascimento da sociologia na universidade francesa (1880-1914)*. São Paulo: Revista Brasileira de História. Vol. 21 no. 41, 2001.



senso se dava em função da ideia de que as sociedades eram análogas a organismos vivos⁷.

Na segunda metade do século XIX, o Brasil passava por uma série de transformações políticas e vivia o declínio da escravatura e do Império. Diante destas circunstâncias, os intelectuais brasileiros, principalmente os jovens excluídos da esfera política, conhecidos como a “geração de 70”, encontraram elementos para delinear os contornos da sociedade brasileira e as condições para o seu ingresso na modernidade a partir da nascente sociologia⁸. Conforme Gláucia Vilas-Boas a circunscrição da nação brasileira é o mote do pensamento sociológico naquele momento e a pergunta fundante da sociologia brasileira⁹.

A recepção desta sociologia, atrelada à biologia e as ciências naturais, não permitiu a homogeneidade de suas percepções. Buscaremos situar as diferentes veredas possibilitadas por essa circunstância a partir de Manoel Bomfim e Silvio Romero. Enquanto o pensamento do primeiro contrastava exatamente com essa argumentação dominante, o segundo, embora ambivalente, endossa alguns de seus postulados e os aplica à realidade brasileira, limitando, com isso, os contornos de sua esperança.

Silvio Romero, Literatura e Miscigenação

Silvio Vasconcelos da Silveira Ramos Romero nasceu em Lagarto em 1851 e faleceu no Rio de Janeiro em 1914. Em 1863 partiu para o Rio de Janeiro a fim de fazer os preparatórios no Ateneu Fluminense, em 1868 matriculou-se na Faculdade de Direito do Recife (FDR) e em 1873 conclui o curso. Sobressaiu no cenário brasileiro por uma vultosa produção intelectual cujo escopo era a compreensão do Brasil.

Antônio Candido sugere que:

Talvez a primeira manifestação do que seria a sociologia no Brasil durante quase meio século se encontre na Introdução à História da Literatura Brasileira (1881) onde Silvio Romero estabelece as diretrizes que orientaram por muito tempo os estudos sociais no Brasil, ao interpretar o sentido

7 BARBERIS, Daniela. *O organismo como modelo para a sociedade: a emergência e a queda da sociologia organicista na França do fin-de-siècle*. In: MARTINS, R. [et all] *Filosofia e história no cone sul*. Campinas: AFHIC, 2004, p.132.

8 Conforme Ângela Alonso, o sentido principal do movimento intelectual da geração 1870 foi a intervenção política. Politicamente marginalizados pela ordem imperial recorreram ao repertório estrangeiro e à própria tradição nacional em busca de recursos para expressar seu descontentamento. Suas opções teóricas adquirem, assim, uma dimensão inusitada: auxiliaram na composição de uma crítica ao *status quo* imperial. O movimento intelectual revela ser um movimento político de contestação. Suas obras exprimem interpretações do Brasil críticas ao *status quo* monárquico e programas de reformas. Cf. ALONSO, Ângela. *Crítica e contestação: o movimento reformista da geração 1870*. In: Revista Brasileira de Ciências Sociais, nº 44, vol. 15, 2000.

9 VILAS-BOAS, Gláucia. *A recepção da sociologia alemã no Brasil*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2006.

da evolução cultural e institucional segundo os fatores naturais do meio e da raça¹⁰.

Vamireh Chacon declara que Silvio Romero é um dos precursores da sociologia no Brasil¹¹. As informações de Oracy Nogueira também corroboram a presença de Romero na história da sociologia Brasileira, colocando-o como o primeiro estudioso da disciplina no Brasil que não se limitou a reflexões teóricas e que logrou a aplicação de quadros de referência sociológicos a interpretação da realidade nacional, empenhando-se na coleta e análise das informações sobre aspectos da sociedade e cultura nacionais¹². Alfredo Bosi afirma que o enfoque utilizado por este autor em sua crítica literária foi o passo decisivo para uma crítica sociológica de estreita observância, propondo de maneira rigorosa uma abordagem da obra em função das realidades sociais e antropológicas¹³.

Na recente abordagem de Alberto Schneider, Silvio Romero é tido como o *sociólogo da cultura brasileira* e o grande hermenêuta do Brasil. Seguindo suas instruções, podemos falar de uma tradição interpretativa de inspiração nacionalista que está assentada na ideia de mestiçagem como fundamental para o entendimento da cultura brasileira, inspirando como continuadores: Darcy Ribeiro, Câmara Cascudo, Mário de Andrade e Gilberto Freyre¹⁴.

Nos termos de Antônio Candido, o período de formação na FDR foi marcado pela preocupação com as fundações da literatura brasileira do ponto de vista naturalista. Conceitos como os de raça, meio, evolução histórica foram utilizados como referência para pensarmos o Brasil¹⁵. O testemunho do próprio Silvio Romero demarca sua ênfase na abordagem sociológica dos fenômenos literários e culturais. Naquele momento (as décadas de 1870 e 1880) tinha deixado de perceber

[...] em tais criações – as obras literárias – a obra do acaso, do capricho ou das imposições de um poder estranho qualquer. Eram estas últimas presumidas manifestações da metafísica do absoluto em tal ordem de assuntos. É que chegou definitivamente a estabelecer que a literatura é apenas um ramo das criações artísticas, a arte da palavra escrita ou falada, que como toda arte, não passa de um capítulo da sociologia, qual

10 CANDIDO, Antonio. *A Sociologia no Brasil*. In: Enciclopédia Delata Larousse. Rio de Janeiro: Delta S.A, 1959, p.2218.

11 CHACON, Vamireh. *História das ideias sociológicas no Brasil*. São Paulo: Edusp/Grijalbo, 1977.

12 NOGUEIRA, Oracy. *A sociologia no Brasil*. In: FERRI, G. M. e motoyama, S. (org.). *História das Ciências no Brasil*. São Paulo: EDUSP/EPU-CNPq, 1978, Vol. 3, p.201.

13 BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira*. 3ª. Edição. São Paulo: Cultrix, 1982, p.280.

14 SCHNEIDER, Alberto Luiz. *Silvio Romero, hermenêuta do Brasil*. São Paulo: Annablume, 2005.

15 CANDIDO, Antonio. *O método crítico em Silvio Romero*. São Paulo: EDUSP, 1988, p.41-42.



acontece à religião, à moral, ao direito, à política, à ciência, à indústria. Ora, o fundamento de toda a sociologia, a sua condição primordial vem a ser terra e gente, o meio e a população¹⁶.

Silvio Romero tomou como parâmetro os conceitos de raça e natureza para respaldar e fundamentar a objetividade e imparcialidade no estudo da literatura e da sociedade brasileira. O texto e as instituições sociais eram vislumbrados como reflexo das condições sociais e naturais e adotavam como critério de valor e de validade o grau de correspondência entre literatura e sociedade. As obras literárias e artísticas, inclusive as manifestações populares, eram tidas como dados e sintomas que revelariam a psicologia de um século, de um povo, de uma nação ou de uma raça.

A literatura romântica e indianista eram reflexos de uma imitação e desmereciam o componente negro e mestiço no processo de inspiração de obras e fenômenos culturais que manifestavam a autenticidade da situação nacional. Declarava que o que possuíamos como realidade modeladora da nossa *excentricidade* e singularidade não estava no português, muito menos no índio ou no africano. Essa realidade, apreendida em função de fatores biossociológicos, é o mestiço¹⁷.

Sua tarefa básica no primeiro momento de sua crítica literária (1868-1880) é, de acordo com Antonio Candido, a de evidenciar *a ação do meio, da raça, da tradição popular, a fim de dar orientação certa ao pensamento, por que este, bem orientado, age decisivamente sobre as instituições*¹⁸. Alfredo Bosi faz uma interessante síntese que expressa a relação entre a literatura e a sociologia no itinerário de Romero:

As linhas de força do pensamento romeriano podem resumir-se nas seguintes premissas: a) a literatura — como as demais artes, o folclore, exprime diretamente os fatores naturais e sociais: o clima, o solo, as raças e seu processo de mestiçagem (determinismo bio-sociológico); b) a sequência dos fatos na História ilustra a interação dos fatores mencionados; mas ela não é cega, tem um sentido: o progresso da Humanidade (Evolucionismo); c) a melhor crítica literária será, portanto, genética e não formalista. Os critérios de juízo darão valor ao poder, que a obra deve possuir, de espelhar o meio, e não a seus caracteres de estilo¹⁹.

16 ROMERO, Silvio. *Literatura, História e Crítica*. Rio de Janeiro/Aracaju: Imago Editora/UFS, 2002, p.23.

17 ROMERO, Silvio. *Estudos de Literatura Contemporânea*. Rio de Janeiro/Aracaju: Imago Editora/UFS, 2002.

18 CANDIDO, Antonio. *O método crítico em Silvio Romero*. São Paulo: EDUSP, 1988, p.51.

19 BOSI, Alfredo. *Historia Concisa da Literatura Brasileira*. 3ª. Edição. São Paulo: Cultrix, 1982, p.280.



O segundo momento, que vai de 1880 a 1888, é o período da *cristalização* das ideias. Neste contexto o autor aperfeiçoa os instrumentos de crítica e interpretação por intermédio de um levantamento empírico dos elementos culturais do Brasil. Voltou, então, sua atenção para o estudo da cultura popular, das manifestações folclóricas, culminando com a publicação dos *Cantos Populares do Brasil* [1883] e *Contos Populares do Brasil* [1885].

Em concordância com Câmara Cascudo, Silvio Romero edificou o primeiro documentário da literatura oral brasileira e “iniciou a história literária no Brasil”²⁰ “(...) O folclore lhe deve as primeiras coleções de cantos, contos e poesias populares, explicações, comentários, valorizações, enfrentando a indiferença e a ignorância do ambiente”²¹.

Uma das obras de Silvio Romero que delimita as orientações sociológicas utilizadas para o entendimento da literatura e, por conseguinte, da sociedade brasileira é a *Introdução à História da Literatura Brasileira* [1882]. Neste estudo, temos uma boa oportunidade de percebermos o alicerce que guiará a apreensão sociológica da formação brasileira. Num momento em que raríssimos trabalhos se aventuraram a compor um panorama da história da literatura brasileira, adverte ele que:

[...] a história do Brasil, como deve ser hoje compreendida, não é, conforme se julgava antigamente [...] a história exclusiva dos portugueses na América [...] é antes a história da formação de um tipo novo pela ação de cinco fatores, formação sextiária em que predomina a mestiçagem. Todo brasileiro é um mestiço, quando não no sangue, nas ideias. Operários deste fato inicial hão sido o português, o negro, o índio, o meio físico e a imitação estrangeira. [...] Para tanto, é antes de tudo mister mostrar as relações de nossa vida intelectual com a história política, social e econômica da nação: será preciso deixar ver como o descobridor, o colonizador, o implantador da nova ordem de coisas, o português em suma, foi-se transformando ao contato do índio, do negro, da natureza americana, e como, ajudado por tudo isso e pelo concurso das ideias estrangeiras, se foi aparelhando o brasileiro, tal qual ele é desde já e ainda mais característico se tornará no futuro [...] Pretendemos escrever uma introdução naturalística à história da literatura brasileira. Munidos do critério popular e étnico para explicar o nosso caráter nacional, não esquecermos o critério positivo e evolucionista da nova filosofia social quando tratamos de notar as relações do Brasil com a humanidade geral²².

20 CASCUDO, Luís Câmara. *Prefácio*. In: ROMERO, Silvio. *Folclore brasileiro: cantos populares do Brasil*. São Paulo: EDUSP, 1985, p.17.

21 CASCUDO, Luís Câmara. *Dicionário do Folclore Brasileiro*. São Paulo: Ediouro, 1997, p.825.

22 ROMERO, Silvio. *Literatura, História e Crítica*. Rio de Janeiro/Aracaju: Imago Editora/UFS: 2002, p.124-127.

De acordo com Silvio Romero, a noção de um povo brasileiro ou de uma nação ainda não tinha sido circunscrita cientificamente. Este povo não pode ser caracterizado como um grupo étnico nem como uma formação histórica pura e definida. Não é um grupo étnico definitivo por que é resultado, ainda pouco determinado, de três raças diversas, que acampavam separadas uma das outras. E, não seria ainda uma formação histórica, uma *raça sociológica*, porque ainda não temos uma feição característica e original. Entretanto, mesmo sem originalidade, tínhamos embrionariamente uma especificidade forjada naquilo que representa o mestiçamento. A literatura seria o dado externo capaz de identificar a ação deste elemento na circunscrição das especificidades das criações culturais brasileiras.

A incorporação do índio e do negro entre nós foi conveniente para garantir o trabalho indispensável à produção da vida econômica do povo novo ia se formar; e o mestiçamento deles com o europeu foi vantajoso em vários aspectos. Primeiro, ele foi indispensável para a formação de uma população aclimada ao novo meio. Segundo, favoreceu a civilização das duas raças menos avançadas. Terceiro, tornou possível unidade da geração futura, que jamais se daria se os três povos permanecessem isolados em face um do outro sem se cruzarem. E, por último, chega ao seu intento inicial, ou seja, entende o mestiçamento como fundamental para o desenvolvimento das faculdades estéticas da imaginativa e do sentimento, fato real no próprio antigo continente, como demonstrou o ilustre de Gobineau²³.

A dimensão racial em Silvio Romero (2001) não oblitera a observância dos fatores históricos no entendimento do Brasil e de seu malogro. Em um segundo momento do seu trabalho, ele busca o entendimento e recapitulação histórica de fatores concretos que determinaram a situação da sociedade brasileira.

Durante mais de três séculos foi o Brasil governado por prepostos de um governo absoluto. Retalhado a princípio em capitâneas, mal divididas e mal determinadas, que foram entregues a alguns aventureiros e áulicos, que nos fez ter também nossa idade feudal, passou depois ao domínio direto da coroa, que tratou de segregá-lo do mundo e explorá-lo. Num e noutro sistema o índio era considerado uma fera, que devia ser caçada; o negro uma máquina, que devia estupidificar-se para produzir; o peão português, o colono, um ente de sangue bastardo, distante do sangue azul, escravos dos fidalgos e de El rei, nosso senhor! ... Nestas condições, as populações que se iam formando no país, traziam a marca da origem: a submissão²⁴.

23 ROMERO, Silvio. *O Brasil e outros estudos sociológicos*. Brasília: Senado Federal, 2001, p.59.

24 ROMERO, Silvio. *Literatura, História e Crítica*. Rio de Janeiro/Aracaju: Imago/UFS, 2002, p.160-161.



A dificuldade na interpretação de conjunto da obra deste autor e a sua localização ideológica, deve-se tanto a sua extensão quanto aos dilemas impostos pelo contexto, suas coordenadas intelectuais e aos interesses políticos em jogo naquele momento. Decerto, como sugere Lilia Schwarcz, ele encontrava na mestiçagem o resultado da luta pela sobrevivência das espécies, como sugeriam as teorias deterministas da época²⁵. Porém, paradoxalmente, ao invés de condenar a hibridação racial, seguindo os modelos evolucionistas sociais, esse autor encontrava nela, de forma tímida e ambígua, a futura viabilidade nacional.

Manoel Bomfim, Medicina e Parasitismo

Manoel José Bomfim nasceu em Aracaju em 1868 e faleceu no Rio de Janeiro em 1932. Foi estudar medicina em Salvador em 1886, transferindo o curso para o Rio de Janeiro em 1888. Forma-se em 1890. Consoante Ronaldo Aguiar, ele não exercerá a medicina por sentir-se fracassado por não ter curado sua filha, vítima do tifo. Passou a dedicar-se à educação e escrever obras de psicologia, construindo vários livros e publicando diversos artigos em revistas. Em 1902, recebe uma bolsa do governo brasileiro para estudar psicologia experimental em Paris. Lá, um jornal parisiense solicita ao autor um artigo sobre a América Latina. É a partir desse artigo que Manoel Bomfim começa a escrever o emblemático *América Latina: males de origem*²⁶.

Se Silvio Romero é considerado o precursor da sociologia brasileira e um reconhecido intelectual daquele período, Manoel Bomfim é tido por vários estudiosos como um pensador esquecido, um autor que foi deixado de lado apesar de ter construído uma substancial obra sobre o Brasil. Conforme Flora Sussekind e Roberto Ventura, as suas ideias não penetraram na cultura nacional pelo fato de que os usos das metáforas expressavam ao mesmo tempo aquilo que era novo, o seu radicalismo ideológico, mas que não poderia ser assimilado pela posteridade ao emprego de analogias extraídas do campo da biologia²⁷.

Thétis Nunes argumenta que o esquecimento de Bomfim decorre do desinteresse das elites por ideias tão avançadas para o seu tempo. Esse esquecimento é endossado com o nacionalismo de Bomfim, visto como identificação do indivíduo com a terra natal, que o conduziria à solidariedade, à confiança e a luta para a preservação da liberdade e da independência²⁸.

25 SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das Raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993, p.154.

26 AGUIAR, Ronaldo Conde. *O Rebelde Esquecido: tempo, vida e obra de Manoel Bomfim*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2005.

27 SUSSEKIND, Flora e VENTURA, Roberto. *História e dependência: cultura e sociedade em Manoel Bomfim*. São Paulo: Moderna, 1984.

28 NUNES, Maria Thétis. *Manoel Bomfim: pioneiro de uma ideologia nacional*. In: BOMFIM, Manoel. *O Brasil na América*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1997, p.15.



Para Dante Moreira Leite, a razão fundamental para o esquecimento e não compreensão de sua obra decorre do fato deste estar “adiantado com relação aos intelectuais do seu tempo, propondo uma perspectiva para o qual esses intelectuais não estavam preparados. Era um nacionalista num período de pessimismo e Socialista, num período em que os nossos intelectuais estavam seduzidos pelas realizações de Mussolini na Itália”²⁹.

Darcy Ribeiro informa pasmado que só veio conhecer Manoel Bomfim nos anos de exílio em uma biblioteca no Uruguai. Menciona que ao ler seu trabalho, se viu “diante de todo um pensador original, o maior que geramos, mas que viveu ignorado como pensador”, e a partir de então não parou de indagar sobre “por que ninguém sabe dele? Por que não exerceu nenhuma influência?” Sua resposta pendeu para o fato de que ele, naqueles anos:

[...] teve olhos para ver que as teorias europeias do atraso e do progresso que os atribuíram ao clima, à raça, à religião católica, são, de fato, mistificações urdidadas pra disfarçar ações hediondas. O que se tomava por sabedoria científica é, a rigor, a ideologia do colonizador, consagradora de suas façanhas³⁰.

José Maria de Oliveira Silva acredita que a causa dele não ser bem visto aqui em Sergipe, como também por parcelas da intelectualidade brasileira da sua época deve-se à crítica acerbadada de Silvio Romero que, segundo ele, era expressão de maior renome da crítica literária no país³¹.

Quais as razões do conteúdo deste livro apresentar, como atestam os principais pontos de vista sobre o seu esquecimento, tamanho furor? Aparentemente, a obra *América Latina* demonstrava a incorporação, comum àquela geração, das premissas das ciências naturais via conceitos, metáforas e terminologias da biologia para interpretar a situação das sociedades latino-americanas. Empregando de maneira subversiva e coerente com a visão sociológica de então, Manoel Bomfim compara a sociedade a um organismo vivo e sujeita a determinadas leis sociológicas, sendo o progresso o resultado do esforço contínuo do exercício combinado de todos os órgãos na luta pela vida. Nesse sentido, para ele, “é noção banal em sociologia que o progresso social se faz segundo um paralelismo perfeito com o progresso orgânico – diferenciação dos órgãos, especialização das funções, divisão do trabalho – estas são as condições indispensáveis à perfeição”³².

29 LEITE, Dante Moreira. *O caráter nacional brasileiro: história de uma ideologia*. São Paulo: Editora UNESP, 2002, p.330.

30 RIBEIRO, Darcy. *Manoel Bomfim, antropólogo*. In: BOMFIM, Manoel. *América Latina: Males de Origem*. Rio de Janeiro; Topbooks, 2005, p.12.

31 SILVA, José Maria de Oliveira. *O pensamento historiográfico de Manoel Bomfim*. In: Revista Tomo. São Cristóvão/SE, No. 01, 1998, p.65.

32 BOMFIM, Manoel. *América Latina: males de origem*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1993, p. 65.



Cognominando os intelectuais que partiam dos pressupostos raciais de *teoristas da exploração, sociólogos do egoísmo, filósofos do massacre*, e a sociologia praticada por eles de *sociologia da cobiça*, adverte Manoel Bomfim que a América Latina não estava condenada pelas leis gerais do progresso a viver como um povo primitivo distante da civilização. O que condenava era a dominação racista que pregava a desigualdade das nações e o neocolonialismo que impedia a independência econômica do país.

Ao enfatizar a existência de povos superiores e inferiores, o racismo buscava sua fundamentação no darwinismo social, justificando o domínio cultural, econômico e político dos países mais fortes por meio da ideia de luta, competição e sobrevivência dos mais aptos. No entanto, para Bomfim, esses teóricos faziam um uso indevido do darwinismo como uma teoria biológica aplicada mecanicamente aos fatos sociais. Na sua obra, o parasitismo torna-se o elemento chave para a compreensão da vida política, social, econômica do país, desde o período colonial. O caráter parasitário e depredador do colonizador aparecem em toda a sua análise, evidenciando que durante a colonização não havia um interesse pelo trabalho, mas somente pela conquista e dominação do mundo, aspecto que marcou culturalmente a história dos ibéricos.

Utilizando a metáfora retirada da biologia, o autor enfatiza que a situação de atraso das populações latino-americanas é oriunda da relação parasita exercida pelas metrópoles e, após a independência, pelas elites destes países.

Não há na história da América Latina um só fato provando que os mestiços houvessem degenerado de caráter, relativamente às qualidades essenciais das raças progenitoras. Os defeitos e virtudes que possuem vêm da herança que sobre eles pesa, da educação recebida e da adaptação às condições de vida que lhes são oferecidas³³.

Nesta esteira, ele investigou os males que atingem os países de colonização ibérica, atribuindo-os ao parasitismo operado pelas metrópoles. Inspirado pela biologia, constrói a metáfora do parasitismo e a estende para o universo social. Parasitas sociais foram os senhores, patrões, o capital estrangeiro e até o Estado, que viveriam do trabalho dos espoliados.

A ideologia imperialista, acusa Manoel Bomfim, ancorando-se numa visão racista e, ao mesmo tempo, ameaçadora, afirmava ser inconcebível que “milhões de preguiçosos, mestiços degenerados, bulhentos e bárbaros, se digam senhores de imensos e ricos territórios”, enquanto que a Europa *rica e sábia* se comprimia nas “terras estreitas”³⁴. Para ele, a condenação do povo latino americano tinha uma dupla causa: a causa afetiva, interesseira, visando a conquista do território; e uma causa intelectual,

33 Ibid., p.291.

34 Ibid., p.43.



que decorre do desconhecimento da realidade latino-americana, de sua história, do seu passado colonial.

O que inquietava Bomfim era o fato de pertencermos à mesma civilização ocidental que a Europa, estarmos consciente da nossa condição e, ainda assim, impotentes diante dos benefícios que o progresso traz para a humanidade. Como base nisso, admitia que,

Da civilização, só possuímos os encargos; nem paz, nem ordem, nem garantias políticas ... São sociedades novas, inegavelmente vigorosas, prontas a agir, mas, nas quais, toda a ação se resume na luta terra a terra pelo poder – na política, no que ela tem de mais mesquinho e torpe. Fora daí, é a estagnação: miséria, dores, ignorância, tirania, pobreza. Exploradas pelo mercantilismo cosmopolita e voraz, imoral e dissolvente, retardatário por cálculo, egoísta e inumano por natureza, estas pobres sociedades não sabem e não podem se defender³⁵.

O escritor sergipano indagava sobre o fato de que apesar de haver condições para prosperar, a nação brasileira ainda continuava atrasada. Várias respostas foram atribuídas, mas para ele, elas não deram conta de causas mais profundas. Para explicar esse atraso ele recorreu às coordenadas fornecidas pela biologia à nascente sociologia.

Com base na perspectiva da evolução social, ele sublinhava que uma nacionalidade é o produto de uma evolução; o seu estado presente é forçosamente a resultante de ações passadas combinada à ação do meio. É preciso estudá-la no tempo e no espaço. Isso não significa uma filiação à teoria da seleção natural, já que para ele, seria desonesto confundir as alternativas históricas dos povos, com a suposta inferioridade definitiva das raças. Assim, o autor buscava analisar o passado para perceber até que ponto ele explica os vícios daquele momento e até que ponto estes derivaria da herança e educação recebidas. Percebemos, neste sentido, que ele introduziu, no afã de compreender a situação da sociedade brasileira, outra variável sociológica até então pouco considerada pelas teorias sociológicas: a educação.

Conforme José Maria de Oliveira Silva, para Manoel Bomfim, após a consolidação da República, a educação popular era o maior problema a ser enfrentado pelo país. Nosso autor voltava sua atenção para os óbices que se interpunham à formação do espírito nacional e a *massa inculta* e descaracterizada que a sociedade brasileira tinha o dever de educar. “Sem educação, ficariam frustradas, também, as possibilidades de crescimento econômico, de progresso moral e material”³⁶.

35 Ibid., p. 53-54.

36 SILVA, José Maria de Oliveira *Da educação à Revolução: radicalismo republicano em Manoel Bomfim*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. USP, São Paulo. 1991, 187 f. p. 18.



Desse modo, contrariando algumas ideias vigentes, Manoel Bomfim aponta que a nossa inferioridade se encontra não na mistura de raças, mas na falta de preparo e de educação para o progresso. Contudo, isso pode ser revertido com a educação. Para ele, o investimento na educação poderia levar a uma mudança na ordem social: o progresso há de ser da própria sociedade, no seu todo; e isto só se obtém pela educação e cultura de cada elemento social.

Sem a instrução da massa popular, sem o seu realçamento, não é só a riqueza que nos faltará – é a própria qualidade de gentes entre as gentes modernas (...) Como estamos, não somos nem nações, nem repúblicas, nem democracias. A democracia moderna é um produto do progresso; e nós somos, ainda, uma presa do passado, recalcitrante em tradições e preconceitos, que não soubemos vencer ainda³⁷.

É evidente que Bomfim não pretendia atribuir à educação nenhuma *virtude miraculosa*, mas destacar a importância desta na história da civilização. Isso porque, para ele, a melhor forma de conquistar a civilização é conhecê-la, tanto no que se referem as suas necessidades como os recursos possíveis. Numa perspectiva prática de ciência, o autor conclui chamando a atenção para o fato de não perdermos tempo lamentando o que não se fez, mas buscarmos unir esforços para oferecer educação popular, instrução na tentativa de tornarmos viáveis as democracias e a formação de cidadãos livres. O nosso autor estava convencido de que somente através da instrução popular o indivíduo analfabeto poderia participar da democracia.

Silvio Romero e Manoel Bomfim

Em estudo dedicado ao universo das polêmicas literárias no século XIX, Roberto Ventura buscou compreender como elas se davam na imprensa brasileira e a sua importância para a crítica literária e para o pensamento social brasileiro. Conforme suas conclusões, as polêmicas eram os instrumentos que os letrados utilizavam na luta por suas ideias e por seus grupos na “sobrevivência ou morte na cena da literatura e do jornalismo. Época de escritores combativos, de polemistas irados, de bacharéis em luta”³⁸.

Consoante Ronaldo Aguiar, o principal e mais feroz crítico da obra de Manoel Bomfim foi Silvio Romero. Seus ataques e injúrias contra Manoel Bomfim constituem um testemunho explícito da importância da obra, sugere Aguiar. Silvio Romero era um autor consagrado e um polemista temido e impiedoso com quem discordava das suas ideias. Nas muitas po-

37 Ibid., p.362.

38 VENTURA, Roberto. *Estilo Tropical: história cultural e polêmicas literárias - 1870-1914*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991, p.13.



lêmicas em que se envolveu, atacou sem dó nem piedade diversos autores portugueses e brasileiros, gente representativa tais como Teófilo Braga, Machado de Assis e José Veríssimo³⁹.

Conterrâneo de Silvio Romero, Manoel Bomfim havia lançado em 1905 *A América latina: males de origem*. Silvio Romero, autor então reconhecido, escreveu vinte e cinco artigos contra *A América Latina* cujo título geral era *Uma suposta teoria nova da história latino-americana*. Posteriormente, estes artigos foram coligidos em livro denominado *A América Latina análise do livro de igual título do Dr. M. Bomfim* e publicado no mesmo ano.

Na percepção de Silvio Romero, o livro de Bomfim era um amontoado de erros e ele não passava de um desastrado defensor da doutrina da igualdade das raças. Segundo Romero, “o novo produto do jovem professor não passa de um acervo de erros, sofismas e contradições palmares. Falsa é a sua base científica, falsa a etnográfica, falsa a histórica, falsa a econômica”⁴⁰.

Silvio Romero critica num primeiro momento as fontes utilizadas por Manoel Bomfim para construir a sua história da América e, em seguida, ataca o seu pessimismo. Indicava que seu trabalho era marcado por um “pessimismo doloroso, um ceticismo negativista e triste, contra o qual não prevalecia entusiasmo, nem sonhos de sacrifícios generosos. O quadro é negro; condenação completa e agravo”⁴¹.

No que tange ao parasitismo social, advoga Silvio Romero que Manoel Bomfim utilizou essa premissa ao longo da obra e que esta não passou de uma *desazada geringonça*, que ao ser aplicado no *reino social*, se deu de forma exagerada e errônea⁴².

O parasitismo na ordem social não deve ser tomado em seu sentido maléfico, pejorativo e pessimista do Dr. Manoel Bomfim. A expressão classes parasitas sociais, indivíduos parasitas sociais tem um pronunciado sabor metafórico. O abuso das metáforas, fundadas nas ilusórias noções de semelhança, é o flagelo da sociologia ... nas sociedades animais e nas sociedades humanas, os vários modos de agremiação que receberam o nome de castas, classes, escravidão, servidão, comensalismo, parasitismo e outros, não passa de formas diversas de mutualismo, da solidariedade, indispensável a existência dessas mesmas sociedades⁴³.

39 AGUIAR, Ronaldo Conde. *O Rebelde Esquecido: tempo, vida e obra de Manoel Bomfim*. Rio de Janeiro, Topbooks, 2005.

40 ROMERO, Silvio. *América Latina: análise do livro de igual título do Dr. Manoel Bomfim*. Porto: Livraria Chaldron de Lello e Irmão Editores, 1906, p.11.

41 Ibid., p.15.

42 Ibid., p.38-39.

43 Ibid., p.40-41.



A nosso ver a grande revolta de um dos mais devotados arquitetos da nação brasileira, Silvio Romero, foi a de ter se identificado com os ideólogos das teorias raciais que Manoel Bomfim tenazmente combateu. Observando seu enfadonho livro sobre a América Latina, percebemos que o que estava em jogo era desfazer a plausibilidade da argumentação sobre o parasitismo, pois ela revelava uma face que comprometia o projeto reformista e de feição fatalista que estruturava o controle político e a correlata sobrevivência de seus agregados.

A única resposta de Manoel Bomfim fora breve e sucinta:

O meu livro é uma obra de amor – de muito amor à minha terra. Quando o escrevi, roubando o meu tempo às excursões, aos passeios e aos estudos que deveria fazer na Europa [...] estava convencido que se deviam dizer e propagar as verdades que neles se dizem. Eu bem sabia que o reacionarismo dos eternos exploradores acharia penas que me enxovalhassem. Esperava por isso. Eu o bem o disse: que a exploração, o parasitismo, a violência e a injustiça - dispõem de uns pseudosábios para defender-se. São esses mesmos que, há duzentos anos, seriam negreiros ou pegadores de índios – se tivessem coragem de afrontar a morte; hoje são teóricas, a serviço dos sugadores⁴⁴.

O trabalho de Ronaldo Aguiar atentou que a chicana entre Romero e Bomfim, aquele momento, era decidida em função das regras fornecidas pelo campo intelectual de então. Por não ter respondido as críticas que lhes foram feitas e não acusar o seu opositor de impostor e mal informado, cometeu um lapso que comprometeu seu reconhecimento no campo intelectual e culminou em seu esquecimento.

No mundo patrimonial, racista, recém-escravocrata, blindado contra artimanhas das lutas de classes, ser um dos poucos a bradar de modo sistemático contra a teoria que propunha a desigualdade entre as raças foi desafiador. Ainda mais quando o que determinava o prestígio das explicações sociológicas sobre o Brasil não pertencia em hipótese alguma à plausibilidade do argumento.

Paradoxos da situação colonial: entre a evolução e a revolução

A perplexidade destes autores foi atenuada por aquilo que Oracy Nogueira nomeou de ambivalência dos intelectuais brasileiros no século XIX em relação ao contexto que estavam inseridos: “vendo-os com os olhos

44 AGUIAR, Ronaldo Conde *O Rebelde Esquecido: tempo, vida e obra de Manoel Bomfim*. Rio de Janeiro, Topbooks, 2005, p.319.

do europeu, exacerbavam seus aspectos negativos, sem conseguir romper com os laços afetivos que a ele os prendiam”⁴⁵.

Boa parte da experiência comum se passava pela evidência de uma sintomática hesitação no pensar o desenvolvimento da sociedade brasileira. Ou seja, é possível percebermos a seleção de determinados conceitos em função da vivência social partilhada, marcada por angústias e temores diante das mudanças que se impunham e de seus custos sociais.

Em Silvio Romero, existe a tensão entre os ambíguos efeitos da miscigenação que por vezes aponta para a esperança fatalista de uma civilização de mestiços. No caso de Manoel Bomfim, fugindo ao medo que Evaristo Morais Filho atribui a Silvio Romero⁴⁶, advoga a revolução como forma de projetar um futuro para o Brasil.

Acreditamos que Manoel Bomfim enquanto médico foi levado a perceber os limites das teorias raciais e seus usos políticos com intuito de identificar o histórico e um prognóstico para a sociedade brasileira, ao passo que Silvio Romero, enquanto estudioso da literatura brasileira, buscou antever o malogro e as possibilidades que o processo da miscigenação acenava. Enquanto o primeiro pensou a revolução com espécie de intervenção cirúrgica da sublevação das classes populares, o segundo esperou que a miscigenação operasse o branqueamento moral necessário ao mundo civilizado, endossando os aspectos políticos do fatalismo evolucionista.



45 NOGUEIRA, Oracy. *A sociologia no Brasil*. In: FERRI, G. M. e motoyama, S. (Org's). *História das Ciências no Brasil*. São Paulo: EDUSP/EPU-CNPq, 1978, Vol. 3, p.185.

46 MORAES FILHO, Evaristo. *Medo à utopia: o pensamento social de Tobias Barreto e Silvio Romero*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.